

PEREGRINAÇÃO DE BARNABÉ DAS ÍNDIAS: UMA VIAGEM PELA IDENTIDADE PORTUGUESA

Carlos Eduardo Soares da Cruz (Mestrando, UFRJ)

eduardodacruz@gmail.com

RESUMO: O presente artigo pretende mostrar, a partir da análise do romance de Mário Cláudio, *Peregrinação de Barnabé das Índias*, como se dá a revisão historiográfica proposta por ele, qual sua motivação e o meio escolhido para tal. A partir da idéia da navegação como desencadeadora de outras viagens, vê-se a mitologia da saudade como elemento caracterizador da identidade portuguesa, usada aqui como arcabouço para a análise e para essa revisão do passado que aponta um outro futuro possível em meio ao caos do capitalismo avançado.

Palavras-chave: revisão historiográfica, viagens, saudade, identidade nacional portuguesa

No momento em que se comemoram os quinhentos anos da navegação às Índias, Mário Cláudio (1941-) publica seu romance *Peregrinação de Barnabé das Índias* (1998), que, tal como *Os Lusíadas*, contará esta viagem. Contudo, se o livro de Camões não se prende à descoberta do caminho marítimo por Vasco da Gama, aquele também não. Agora, mais do que uma aventura heróica, deparamo-nos com uma peregrinação, concedendo um sentido religioso ao descobrimento. Além disso, se nos dez cantos camonianos canta-se a saga dos portugueses e não apenas do Gama, no livro de Mário

Cláudio não é apenas a viagem de Barnabé que é relatada, mas uma revisão do passado de Portugal e do que é ser português.

Portugal vive um momento de crise com o fim do seu império colonial. A própria negação desse passado expansionista, levada a cabo na Literatura Portuguesa desde o Romantismo, denota a problemática que envolve esse assunto. É em momentos assim que se deve olhar para o passado e revê-lo. Walter Benjamin (1994) diz que em momentos de perigo deve-se olhar para trás em busca de uma centelha de esperança, pois o presente é messiânico e redime o passado. Diz ele: “Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado” (BENJAMIN, 1994, p. 223). Dessa forma, para vencer o estado decadente em que se encontra, Portugal precisa rever seu passado e apropriar-se dele em sua totalidade. Afinal, se a atualidade assombra, então é precisa uma nova concepção de História, pois a existente é a que justifica tal situação.

O que Mário Cláudio parece fazer é justamente rever a época das navegações portuguesas, mostrando uma nova versão para a viagem inaugural do caminho marítimo para as Índias. Agora há novos “varões assinalados”, não apenas os grandes vultos da História oficial, mas os personagens do povo. A epopéia a ser contada não é apenas a marítima, mas a do conhecimento de si mesmo.

Talvez esta seja a maior dificuldade do homem na crise do Capitalismo avançado. Vivendo em uma época em que nem a ciência nem a metafísica apresentam respostas para a catástrofe única que é a história da civilização, o homem tem uma existência contingente, sem saber ao certo quem se é e qual seu lugar no mundo. Então, a maior epopéia não é a da viagem ao oriente, mas a própria vida moderna. Se em uma peregrinação busca-se algum tipo de conhecimento interior a partir de uma elevação

espiritual, a *Peregrinação de Barnabé das Índias* mostra a busca pelas Índias internas e de seu lugar no mundo. O mesmo deve acontecer com Portugal, que precisa encontrar sua nova missão no mundo globalizado.

Essa redenção do passado mostra que a peregrinação a ser feita realmente não é apenas física, mas é também pela alma portuguesa. Esse é o espírito que Barnabé acaba por encarnar muito bem ao unir a vida de navegante à saudade dos que ficam, como se vê no trecho abaixo: “acariciando o amuleto que lhe roçava a pele, tão áspera pela salsugem como amaciada pelos dedos da que jamais o beijara, gritou em silêncio Barnabé por quantos se plantam no cais donde os navios partem, ignorando que destino se impõe conferir à sinuosa peregrinação das lágrimas a derramar.” (CLÁUDIO, 1998, p.191).

A saudade parece ser o sentimento que melhor caracteriza a alma portuguesa. Logo, ao rever o passado nacional, não poderia ficar de fora esse aspecto identitário dos portugueses, porque, segundo Hall (2005), as identidades estão em crise na contemporaneidade. Aliás, segundo sua concepção, a idéia de uma identidade nacional unitária nunca foi muito verdadeira, tanto que Portugal era formado por cristãos, árabes e judeus, mas apenas os cristãos-velhos seriam representados por essa lusitanidade. Sendo assim, é preciso ater-se a uma concepção mais ampla para caracterizar os portugueses. De qualquer forma, segundo Mercer (1990), só se traz o enfoque identitário à discussão ao perceber-se que a identidade está em crise. É justamente isso que parece dominar Portugal nos últimos anos do século XX.

O uso do passado como forma de melhor se preparar para o que virá é o que melhor define a saudade. Ela não é apenas nostalgia do que já passou ou um desejo romântico de retorno a uma época melhor, mas uma motivação para o futuro. É essa a

saudade presente nesse romance de Mário Cláudio, que, buscando um Portugal melhor e mais seguro de si para o futuro, volta ao passado revendo-o e dando ao povo o controle de sua História. Assim, tal como o romance, que finaliza com “as luzes”, espera-se iluminar o futuro de Portugal, que estaria ainda “encoberto”. Afinal, segundo Lourenço (1999), a saudade é mais do que simples manifestação da memória, é uma outra maneira de ser presente no passado, ou de ser passado no presente, enquanto a memória é a autonegação do presente. “A saudade não é da ordem da representação, mas da pura vivência” (LOURENÇO, 1999, p. 33).

Assim, Barnabé não nega o presente, mas procura uma vivência do passado em suas visitas a Vasco da Gama. O jovem de Ucanha, atravessando a nevasca, lembra um peregrino caminhando por caminhos difíceis e tortuosos numa longa jornada. Da mesma forma é a leitura desse romance, que foge à linearidade e por vezes confunde o leitor mais inocente. É preciso estar atento e reparar nos sinais, pois o itinerário é lento e sofrido, como a sinuosa peregrinação das lágrimas. Afinal, a viagem é interior e o caminho é o da vida toda. O que se busca é a salvação, mas o destino acaba por ser a morte, como podemos perceber na epígrafe do romance: “De ti se servem, ó morte, inimiga nossa, para alcançar a alegria, tu, que és a mãe do infortúnio; adversária da glória, ao serviço da glória é que te colocam; de ti se servem, porta do Inferno, para entrar no Reino; de ti, abismo da perda, para atingir a salvação.” (CLÁUDIO, 1998, p.11).

A morte é o sinal do heroísmo e é, portanto, utilizada como caminho para atingir a alegria, a glória e a salvação. Contudo, deve-se alcançar esses objetivos sem que seja preciso morrer, pois a alegria esperada é viver bem, a glória é vencer, e a salvação é a vida eterna.

Preso ao paradoxo apresentado no estilo de vida segundo a epígrafe, encontramos Vasco da Gama no primeiro capítulo. Ele tem a glória de ter feito o caminho das Índias, mas sua única alegria é verificar várias vezes o que ganhou com tal expedição. Entretanto, sabe que lhe falta algo. Como não morreu heroicamente, não atingiu o que a epígrafe promete aos que da morte fazem uso. Por outro lado, é como se já estivesse morto, apesar de ainda viver. Um velho no inverno apenas espera “que se lhe cumpra o destino de velho” (CLÁUDIO, 1998, p. 13). Falta-lhe uma ligação com o passado verdadeiro.

Atravessar o texto descortinando as nuances dessa narrativa, que ora parece tranqüila como o oceano em calmaria e ora apresenta sobressaltos como a travessia do Cabo das Tormentas, é parte da peregrinação que o leitor deve fazer para melhor entendimento de si mesmo. Somente assim é possível compreender o grande feito do passado para que se busque um novo rumo na carta de marear que leva ao futuro.

Essa travessia liga os dois capítulos iniciais aos dois finais. Assim, pode-se perceber a grande mudança que vai acontecer no decorrer do romance. Observando-se os títulos desses capítulos pode-se perceber a diferença antitética entre os pares: neves x luzes e demônios x pombas.

No princípio, o frio, as cinzas e a velhice dominam o campo semântico do romance, em contraste com o final, luminoso, quente e novo, não sem antes passar pelos capítulos que lhes são contíguos. Enquanto demônios remetem-nos à idéia de inferno, desgraça, maldade, e problemas; as pombas passam a imagem celestial de pureza, leveza, paz, bondade. Ambas são figuras muito presentes no imaginário católico com o maniqueísmo entre Céu e Inferno, sendo este representado pelo diabo e outras figuras demoníacas, e aquele por Deus e seus anjos, figuras aladas. Além disso, é importante

lembrar que na simbologia católica o Espírito Santo é também representado por uma pomba.

Logo, a partir do índice, o leitor já pode esperar uma mudança na situação vigente. Mas, diferentemente do imaginado, não é mais Vasco da Gama o personagem principal, mas o desconhecido Barnabé. Pelo título já se sabe que é ele quem fará a peregrinação. Somente unindo a vida de Barnabé e Vasco que será possível que o almirante siga a sua. Estabelecer essa união é tarefa do leitor e a este também há anjos e amuletos para ajudar. Não é só a vida dos dois que se une assim, mas a dos vultos da História com os personagens comuns do povo. Assim, os quatro capítulos que se ligam no princípio e no fim possuem uma característica estrutural que os distingue dos demais. Cada um deles começa com um período marcado por uma oração nominal. Essas orações parecem fugir à narrativa, já que nada é efetivamente narrado. Não há uma ação propriamente dita, apenas união de idéias, de acordo com a proposta de autoconhecimento de uma peregrinação. Por isso, começar os capítulos que ligam os pontos desse caminho com predicados nominais vai ressaltar que o mais significativo não é a ação praticada, mas no que ela torna aquele que a pratica.

Destarte, o uso de verbos de ligação vai reinstaurar o princípio religioso no qual o caminho é percorrido para que o peregrino aproxime-se mais do divino, entrelaçando sua vida terrena à espiritual. Nesse romance, o que se liga não é apenas as vidas de Vasco da Gama e de Barnabé, mas também o princípio e o fim, o círculo do tempo, do passado ao futuro, além de unir todos os portugueses, de origens religiosas diversas e com diferentes idéias e discursos. A chegada de Barnabé pára o envelhecimento de Vasco da Gama, aparta-o da morte e aquece-o, pois, ao chegar, as neves cessam de cair.

No entanto, Vasco precisa vencer seus medos e lembrar velhas lições. Isso parte da tentativa de retorno à infância. Lá ele decorou um lema que vai acompanhá-lo por toda a vida, um verso retirado da *Eneida* que vai inspirar sua peregrinação. Aprender a ser justo e não tentar os deuses é um duro aprendizado. Por mais que Vasco o tenha decorado, ainda não soube colocá-lo em prática. Ele guarda para si a honra de ter descoberto sozinho o caminho para as Índias, quando, no fundo, só o fez por ter tido apoio e ajuda de muitos portugueses, judeus e cristãos.

A volta à infância não é satisfatória. Essa tentativa de fuga não logra os resultados esperados. O simples regresso ao passado não é suficiente, pois, por mais que tudo sempre volte, como no Eterno Retorno de Nietzsche, não retorna idêntico, mas apenas semelhante. Dessa forma, a simples repetição do acontecimento passado não causará o mesmo efeito, pois somente sob aquelas circunstâncias será o mesmo. Então, ao voltar à sua realidade presente na narrativa, um velho no inverno, fica preso em seu tempo sem vida.

Além disso, é preciso domar seu temor pela hidra. Para vencê-la, a vida de Vasco e de Barnabé precisam unir-se e para isso são usadas muitas cordas. Representando não apenas todo o cordame utilizado nas naus para amarrar e controlar aquela imensidão de velas, o título do quinto capítulo tem outras significações. Esse capítulo é o mais fragmentado do livro, subdividindo-se em sete partes, narradas intercaladamente, ora por Barnabé ora por um narrador heterodiegético. Dessa forma, cada pedaço apresenta a visão sobre um dos dois personagens cujas vidas estão se unindo, como se a cada momento um nó fosse dado atando-os, uma vez que o assunto predominante de cada parte referente a Vasco da Gama é o mesmo da parte contígua, referente a Barnabé,

desde imaginações sobre as terras a demandar até a comentários sobre o cristianismo e o judaísmo, com suas semelhanças e diferenças.

Toda essa preocupação religiosa é uma forma de retomar o lado místico e messiânico de Portugal. No entanto, essa busca pretérita pelas raízes místicas não é inocente. O país não é simplesmente visto mais uma vez como escolhido de Deus para governar o mundo num quinto império. Essa retomada é para unir o passado do povo português, fortemente marcado por perseguições religiosas – que são apontadas várias vezes ao longo do texto.

Esse é o passado que precisa ser revisto em meio à crise. Os portugueses, vendo-se como o povo eleito abençoado por seu Deus, buscavam realizar sua missão. Tal como outras nações ao longo da História, Portugal, valendo-se do preceito de que existe unicamente graças à intervenção divina, vê-se com o dever de servir aos céus. Assim, pretendiam, em sua expansão, ir “dilatando a fé e o império” (CAMÕES, 2002, I, 2).

Por causa dessa visão de mundo, como diziam, “as terras viciosas de África e Ásia andaram devastando” (CAMÕES, 2002, I, 2), o que reflete o acontecido ao longo da expansão portuguesa. A diferença religiosa foi fator primordial para a exaltação do ódio contra aqueles que não fossem cristãos. Primeiro os muçulmanos, expulsos do litoral atlântico da Península Ibérica. Depois os judeus, sempre vistos como cidadãos de segunda classe, até que foram expulsos ou convertidos à força. Ser português, por muitos séculos, significou ser católico.

Todo esse fervor religioso acabou unindo o poder real ao da igreja, que se suportavam mutuamente. Inclusive porque a religiosidade já era forte na cultura portuguesa e, assim, a Igreja tinha muita influência sobre a população. Entretanto, essa submissão religiosa acabou por ser duramente criticada. O que Mário Cláudio intenta

fazer em seu *Peregrinação* é confundir portugueses judeus e cristãos. Afinal, o personagem principal da epopéia portuguesa escrita por ele é um judeu que conseguiu escapar à conversão forçada e embarcar em uma nau a caminho das Índias como se fosse cristão-novo.

Apesar disso, a história passa-se numa época de grande perseguição religiosa, principalmente contra os judeus. Para que os Reis Católicos de Espanha consentissem no casamento entre as duas famílias reais, Portugal deveria expulsar os hebreus de seus territórios, assim como fizeram os espanhóis anos antes. Por causa disso, o personagem Vasco da Gama chega a supor que Cristóvão Colombo fosse judeu, já que este teria marcado a data da partida de sua esquadra para a data limite dada aos adeptos do judaísmo para saírem das terras espanholas.

O romance de Mário Cláudio revê o passado colocando parte da glória da conquista do caminho para as Índias no conhecimento e esforço dos judeus portugueses, e não só nos cristãos-velhos, como conta a historiografia oficial.

Todavia, a união entre os crentes das duas religiões só ocorre mesmo, apesar dos fatos em comum e semelhanças apresentadas, quando Barnabé vê-se na mesma situação que seus companheiros. Interessantemente, nesse relato, não são os cristãos que precisam se ver como judeus para aceitá-los, mas o hebreu que precisa sentir-se tão sofredor quanto os católicos para que aceite que todos são iguais. É isso que ocorre no capítulo seis, quando Barnabé percebe que estão todos juntos perdidos em meio ao oceano, como peixes fora d'água a secar ao sol estirados nos conveses das caravelas. Depois, ainda sofre com eles nas tormentas do “Adamastor”. Por fim, recorda-se das histórias que ouviu sobre Santo Antônio, que teria feito um sermão aos peixes. O jovem judeu que já se sente um peixe, e que foi resgatado do mar como se pescado fosse,

ouviu as palavras do anjo como um sermão de santo. Assim, assume que também se regalaria com o de um santo católico. Aliás, não o de um santo qualquer, mas o de um português, popularmente cultuado em Portugal.

Sendo assim, os “milagres” podem voltar a acontecer, pois já não há distinção clara entre os dois povos que se consideram escolhidos por Deus. Seu destino messiânico é a união. Seja com a ajuda de anjos, santos, deuses ou espíritos, a sobrevivência e a libertação de cada um depende do conhecimento e da aceitação de que são todos iguais, independentemente da religião.

Por conseguinte, a peregrinação é a mesma para todos que quiserem vencer seus medos e avançarem por novos caminhos em busca de novos horizontes e novas terras a demandar. Não obstante, para alcançar esse objetivo é preciso passar por uma fase de purificação, de expurgação dos erros passados e aceitação de uma nova vida.

Conseqüentemente, é justamente no capítulo imediatamente posterior a essa união religiosa que ocorre a purificação na peregrinação de Barnabé. Em “Os Anjos”, começa uma visão que vai ampliar a união religiosa, modificando a forma como os muçulmanos são vistos pela cultura portuguesa até então. Os mouros apresentados nesse capítulo não são inatamente malvados, ao contrário, são descritos inicialmente como anjos, como pode ser visto no trecho: “E tendo arribado a Moçambique, foi o império dos anjos que se lhe descerrou, já que se passeavam eles de branco, e usavam barretes debruados em seda, e bordados a ouro, e não era qualquer língua de trapos que falavam, mas a das Arábias.” (CLÁUDIO, 1998, p. 179)

Além disso, é em Moçambique que Barnabé vai encontrar mais um dos anjos de sua peregrinação. Uma mulher o encanta com seu caminhar e faz com suas argolas um som descrito como celestial. É esta mulher quem lhe dá o amuleto com o qual ele conta

para salvar-se. E a forma de salvação é a saudade, pois, em momentos de perigos e aflição, ele segura o amuleto e, apertando-o, aviva a saudade que sente da moçambicana. Assim, Barnabé, além de associar-se definitivamente à alma portuguesa, livra-se do medo e toma coragem para continuar sua peregrinação. Ignorando o destino do sofrimento, ignora o caminho sinuoso das lágrimas a derramar. Assim mesmo ele parte, pois sofre mais quem fica parado no porto do que os que se lançam à descoberta do novo. Desse modo, ele transforma-se no verdadeiro herói lusitano, aquele que vence a morte a partir da fabulação que é a arte de navegar, como lembra Bachelard:

parece que a *utilidade de navegar* não é bastante clara para determinar o homem pré-histórico a escavar uma canoa. Nenhuma utilidade pode legitimar o risco imenso de partir sobre as ondas. Para enfrentar a navegação, é preciso que haja interesses poderosos. Ora, os verdadeiros interesses poderosos são os interesses quiméricos. São os interesses que sonhamos, e não os que calculamos. São os interesses fabulosos. O herói do mar é um herói da morte. O primeiro marujo é o primeiro homem vivo que foi tão corajoso como um morto. (BACHELARD, 1997, p.76).

Por outro lado, em Moçambique, enquanto alguns ficavam extasiados com as belezas mouras, Vasco ainda espera unir todos os povos pela dilatação da fé e do império. A intolerância religiosa demonstrada por ele, comum em sua época, acaba levando-o à loucura momentânea durante a viagem. E em meio ao caos interior em que se encontra, relembra a antiga lição da *Eneida*, de ser justo e não tentar os deuses. Contudo, ainda não a coloca em prática. Ainda assim, nem tudo está perdido para Vasco. Afinal, sua peregrinação só começa realmente após a visita de Barnabé pedindo-lhe que remexa em sua memória. Dessa forma, Vasco também vivencia a saudade. Tanto que ele mesmo narra o capítulo em que isso acontece, “As Cidades”.

Em seu capítulo, ele sente saudade de sua infância. Não de como ela era, mas de seus planos de futuro. Porque ele relembra da chegada a Calecute e compara as cidades

imaginadas quando em criança via os mapas de lugares distantes e as reais que avistou na Índia.

Freud (1969) diz que as fantasias de artistas e escritores provêm do mesmo manancial criativo das brincadeiras da infância. A criança, quando brinca, está ainda presa à realidade em sua imaginação de brincadeira. Já os escritores não. A fantasia do poeta é desconectada da realidade. Para Freud, quando o homem sonha com o futuro, está, na verdade, fazendo um retorno ao passado na tentativa de suprir uma frustração. Ele volta a uma época em que teve um desejo atendido (normalmente na infância) e projeta essas sensações de satisfação na situação atual para imaginar um futuro. Sendo assim, sentir saudade é um pouco como fantasiar. É isso que Vasco faz. Quando imaginava suas cidades na infância, estava preso à realidade, aos mapas que via e às cidades que conhecia. Quando ele volta a fantasiar com as cidades da época de criança e como ficava satisfeito com elas, está planejando o futuro e buscando sonhos a realizar. Dessa forma, se sua satisfação estava nas brincadeiras de criança, a melhor forma de retomar essa criatividade para seus planos é agindo como poeta, por isso, somente ele pode ser o narrador de seu encontro com a saudade e de suas impressões.

Ele começa seu relato falando que por mais que a viagem tenha lhe proporcionado títulos e riqueza, não esquece os “tesouros da memória da infância” (CLÁUDIO, 1998, p. 205). “Como lembro com saudade os mapas originariamente avistados” (CLÁUDIO, 1998, p. 206), diz ele. E é esse sentimento que o torna capaz de mudar sua vida, pois o que lhe faltava era o tempo em que se projetava no futuro. Por isso, a simples recordação da infância não é a solução. É preciso aprender sua lição ao recordá-la, pois revisité-la somente não trará a mesma sensação, já que ele não é o mesmo.

A diferença está no autodescobrimento. Vasco da Gama, velho, sente mágoa por se dar conta que o real não é como a fantasia e que sua imaginação da infância é como os castelos de areia que construía em Sines e acabavam sendo destruídos. Assim, ele descobre nessas recordações que “ao que imaginamos se junta o que vivemos” (CLÁUDIO, 1998, p. 214). E o que vivemos é o que nos faz diferentes a cada momento, apenas ligados por um fio-memória.

Destarte, ele sabe que mudou, não é mais o “Vasco de outrora que mal hoje se reconhece, mas que teima em que assim o considerem” (CLÁUDIO, 1998, p. 231). Também percebe que não fez a peregrinação durante a viagem, como tantos fizeram. Para ele foi só uma viagem em busca da glória. Mas essa só alcança quem se liberta da lei da morte. Ele apenas libertou-se das terras do oriente. É como se tudo não tivesse sido mais do que um sonho com cidades atacadas pelo “troar das canhoadas, quero dizer, este pranto da fúria de Portugal” (CLÁUDIO, 1998, p.234).

Diante disto, é ao recordar-se dessa jornada sabendo que é possível uma iluminação que se abre a possibilidade de uma vida nova, de um futuro diferente do previsto. Compreendido isso, os capítulos iniciais unem-se aos finais na vida de Vasco da Gama. Dos demônios que afligem chega-se às pombas que salvam e glorificam. Das neves que esfriam sua vida, atinge-se as luzes que iluminam um novo futuro.

A peregrinação de Barnabé não começou com as neves, pois ele não morre para o mundo estando vivo. No início ele é atacado por demônios e chagas, o clericalismo e a cobiça mercantil presentes em Portugal na época dos descobrimentos. Contudo, com sua purificação pessoal, chega às pombas, como os marujos que morreram na glória dessa empreitada. Barnabé passa então a se portar como uma espécie de guia, primeiramente

do retorno da caravela a Portugal, depois, da salvação de Vasco da Gama, impelindo-o à recordação do que é sonhar o futuro.

É, justamente, esta busca pelo passado na memória, revendo-o e dando a todos o devido valor pelo que aconteceu, que vai levar a um novo desejo de futuro no último capítulo. Este, iluminado pelo próprio título, mostra que o nauta não pode ficar longe do oceano, já que o mar é representação do horizonte, que aponta para o futuro. Todavia, este pode ser contingente, dependente do acaso, levando a vida a lugares escuros. Contudo, é possível sempre sair das cinzas da velhice, rever o passado e, assim, iluminar mais uma vez o horizonte. Dessa forma, o laço que começou a ser atado na primeira visita de Barnabé foi fortemente amarrado com as cordas da viagem. Não é apenas a ligação entre os dois personagens, mas a união de todos os que fizeram as glórias de Portugal, que, agora, podem olhar mais uma vez para o horizonte e avistar as caravelas iluminadas. Tanto que Vasco, ao final, diz que não foi ele quem descobriu o caminho para as Índias, mas Barnabé. Com isso, toma coragem para seguir em frente e de enfrentar mais uma vez seus medos. Ao voltar a fantasiar seu futuro, não está mais aguardando a morte.

Assim, os tempos passado, presente e futuro estão definitivamente ligados. O controle temporal é, na verdade, uma característica importante desse romance. Vários acontecimentos narrados são intercalados, intercortados e religados diversas vezes nesse livro, cabendo ao leitor discernir qual é o fluxo correto do tempo. Isso se houver correção. Afinal, nessa narrativa o tempo é capaz de parar e voltar atrás, para somente depois seguir adiante. Então, esse jogo temporal ajuda a redimir o passado, tal como proposto.

Se o objetivo da peregrinação era livrar-se do medo da morte, controlando o tempo isso se torna possível. Ela, que esteve presente com Barnabé desde sua infância, já não o assusta mais, pois ele conhece a máquina do mundo e os preceitos divinos. Mesmo Vasco está aberto a enfrentar mais uma vez sua hidra. Por fim, é preciso enfrentar seus medos para livrar-se do inverno. Ficar parado em decadência, encoberto, não trará resultados. Deve-se ir em direção à luz, avistar mais uma vez a caravela.

Respondendo ao velho do Restelo d'*Os Lusíadas*, talvez o maior desastre seja perder o rumo e ficar parado. Portugal parece ter se esquecido de si mesmo, de sua autenticidade, de sua independência tão habilmente mantida ao longo dos séculos, e de seu passado. Assim, depois que nada restou de nada, ainda ficou “o tudo desse nada”, a marca da identidade portuguesa, a saudade, como comenta Lourenço:

Talvez só um povo permanentemente distraído da sua existência como tragédia, ou imbuído e inebriado dela a ponto de esquecer, pudesse tomar por brasão da sua alma a figura da saudade. Talvez, simplesmente, porque, como povo, feliz na sua inconsciência que é a vida, não se resigne a que nada fica de nada, como disse Unamuno. Quando nada resta de nada, fica ainda o tudo desse nada. É isso que vivemos como saudade, unindo numa só intuição as visões, no fundo semelhantes, dos nossos maiores poetas, de Camões a Garrett, de Pascoaes a Pessoa. (LOURENÇO, 1999, p.34).

Esse problema, talvez ainda maior do que as longas guerras coloniais discutidas por outros romancistas portugueses contemporâneos, dá a importância dessa revisão do passado renegado. Nesse livro, canta-se as obras valorosas dos portugueses que foram da lei da morte libertando Portugal. Contudo, não é uma visão ufanista do passado, pois o herói é o povo que sofreu todo esse tempo devido à tragédia da busca desse destino imperial.

Assim, Portugal pode mais uma vez aspirar a um futuro promissor, pois terá sua identidade redimida e sua História efetivamente glorificada. O velho Portugal liberta-se

das neves que o aprisionava. Tal como as pombas do romance, seu povo pode voar em busca de novas Índias. O horizonte está iluminado pelas luzes e, apesar de incerto, o caminho pode mais uma vez ser vislumbrado através de uma alforreca.

ABSTRACT: The present article intends to show how the historiographical revision proposed by Mário Cláudio in his *Peregrinação de Barnabé das Índias* takes place, what is the motivation for this revision and what is the way chosen for it. Based on the idea of navigation as a trigger for other travels, we see the mythology of the “saudade” as a characteristic of the Portuguese identity, used here as framework for this analysis and for this revision of the past pointing out to a different future in the chaos of advanced Capitalism.

Keywords: historiographic revision, travel, “saudade”, Portuguese national identity

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *A Água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CAMÕES, Luís Vaz. *Os Lusíadas*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- CLÁUDIO, Mário. *Peregrinação de Barnabé das Índias*. Lisboa: D. Quixote, 1998.
- FREUD, Sigmund. "Escritores criativos e devaneio". In *Gradiva de Jensen e outros trabalhos*. v.IX. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade (seguido de Portugal como destino)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

MERCER, K. "Welcome to the jungle". In RUTHERFOR, J. (Org.) *Identity*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.